



**DISTINÇÕES PROSÓDICAS ENTRE AS
VARIANTES KARIB DO ALTO XINGU**
RESULTADOS DE UMA ANÁLISE ACÚSTICA

GLAUBER ROMLING DA SILVA

UFRJ, CNPq

BRUNA FRANCHETTO

UFRJ, CNPq

MANUELA COLAMARCO

UFRJ, FAPERJ

INTRODUÇÃO

A LÍNGUA KARIB ALTO-XINGUANA E SUAS VARIANTES

O subsistema karib alto-xinguano é composto por quatro grupos locais: Kuikuro (quatro aldeias, com uma quinta em formação), Matipu e Nahukwa (que convivem em três aldeias) e os Kalapalo (duas aldeias). Todos esses grupos falam uma língua que pertence a um dos dois ramos meridionais da família Karib (Meira e Franchetto, 2005) e que apresenta, hoje, duas variantes principais: de um lado, a falada pelos Kuikuro e pelas jovens gerações Matipu, e, de outro, a falada pelos Kalapalo e pelos Nahukwa. Franchetto (2001) diz que “poderíamos colocar uma origem comum do karib alto-xinguano, da qual teria se depreendido a primeira grande bifurcação (Kalapalo/Nahukwa vs. Kuikuro/Matipu)”.

Essas duas variantes distinguem-se por diferenças lexicais e por diferenças rítmicas. Conforme afirma Franchetto (2001: 133), “no subsistema karib do rio Culuene o jogo das identidades sócio-

políticas dos grupos locais (*ótomo*) se faz na base de distintas estruturas rítmicas e prosódicas”. Os falantes usam expressões de natureza metafórica para falar de suas identidades linguísticas. Do ponto de vista dos Kuikuro (ou de quem julga o outro), temos a assunção de um falar ‘reto’ (*titage*) em contraposição ao falar dos Kalapalo/Nahukwa (o outro), que é ‘curvo, em pulos, ondas’ (*tühenkegëgiko*) ou ‘para trás’ (*inbukiliü*) (Franchetto, 1986; Fausto, Franchetto & Heckenberger, 2008). A noção de ‘retidão’ no modo de falar, de qualquer maneira, faz transparecer uma valoração em relação àquilo que não o é.

Partimos, neste artigo, da proposta que Franchetto deixou para investigações subsequentes: “procuraremos, então, a tradução dessa metalinguagem numa análise das estruturas rítmicas das duas variantes” (Franchetto, 1997:1). Nosso trabalho, agora, permite avançar nesta investigação, já que conta com o respaldo de análises acústicas e de novos dados. Tentaremos, de alguma maneira, capturar o porquê dessa definição nativa: eu/nós, fala “reta”; o outro, fala “curva”.

Os objetivos deste artigo são: (i) estabelecer os correlatos acústicos que determinam a posição do acento nas variantes Kuikuro (KK) e Kalapalo (KP); (ii) descrever o padrão acentual de cada uma das variantes, observando de que maneira eles contrastam; (iii) à luz dos padrões encontrados, oferecer uma explicação das metáforas explicitadas pelos falantes nativos.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Sobre os correlatos acústicos para a percepção do acento, Kager (1995: 67) afirma o seguinte:

Although the mental reality of prominence is undisputed, unambiguous phonetic correlate has not yet been discovered. Prominent syllables are potentially capable of bearing *pitch* movements with a strong perceptual load. They also tend to be of longer *duration*, as well as of a higher *intensity*, but both of the latter factors are usually subordinated to pitch.

Kager (1995b) define ‘culminatividade’ como aquilo que nos faz perceber em um domínio apenas uma sílaba como sendo a mais forte. O conceito de ‘culminatividade’, pois, é conectado às definições dos correlatos acústicos de *pitch*, duração e intensidade:

The Phonetic Correlates of Stress is that culminativity may be a universal of stress systems, which is subject to parametric variation for the level at which holds. (Kager, 1995b).

Resumidamente, a ‘culminatividade’ é o princípio ou o universal, enquanto os correlatos que dão a sua percepção são os parâmetros que variam inter-linguisticamente.

Os três parâmetros acústicos para a percepção do acento culminativo apontados por Kager (1995b) são definidos da seguinte maneira:

- *Pitch* ou frequência fundamental (F_0): corresponde ao número de vibrações das pregas vocais em um determinado espaço de tempo; é medido em *hertz* (Hz) e a sua percepção dá-se em termos de altura melódica (grave ou agudo);
- Intensidade: diz respeito à amplitude da onda sonora; é medida em decibéis (dB) e a sua percepção é dada em relação ao volume (alto ou baixo, forte ou fraco);
- Duração: tempo de articulação de determinado domínio (fone, sílaba, palavra, sintagma, sentença); pode ser medida em segundos ou milissegundos (*ms* ou *seg*) e a sua percepção é relativa ao alongamento (longa ou breve).

De acordo com Fry (*apud* Kager, 1995b), para os três parâmetros acima descritos, a intensidade é o parâmetro que tem menor efeito na percepção do acento. Seu *status* é intuitivo, como correlato mais natural para o acento, revelado até mesmo na forma como situamos o acento culminativo, designando-o como o mais ‘forte’ ou ‘intenso’ em um dado domínio. A duração tem um efeito intermediário, enquanto que o *pitch* tem o efeito mais relevante.

Em algumas línguas naturais, apenas um parâmetro pode ser determinante para a percepção do acento, enquanto em outras, mais parâmetros interagem. Em Português, podemos dizer que a duração é determinante para a percepção; em Finlandês, por ter

contraste entre vogais longas e breves, a duração só afeta sílabas não acentuadas em caso de ênfase (Carlson 1978 *apud* Kager 1995a); em Shilluk, uma língua africana com acento lexical e tom lexical contrastivos, o acento se dá por traços independentes em cada tipo de contraste, assim como em Ma'ya (Libman, 2005: 47). Nosso objetivo, portanto, é descobrir como se organiza o quebra-cabeça que resulta na relevância, ou seja, responder a seguinte pergunta: que correlatos acústicos são determinantes para a percepção do acento em Kuikuro e em Kalapalo?

Na Figura 1, temos como exemplo o *template* do programa PRAAT utilizado para a medição dos três parâmetros acústicos citados¹. Segundo as setas ilustrativas, podemos ver na parte superior a seta que indica a duração da sílaba; no meio, temos a intensidade, medida em decibéis; e na parte inferior, o *pitch*, medido em *hertz*.

O corte de visão de um espectrograma alterna espaços mais escuros e espaços mais claros. Os espaços mais escuros são aqueles que têm maior concentração de energia (por exemplo, vogais); os espaços mais claros, por sua vez, comportam segmentos com menor energia (por exemplo, consoantes). A ‘imagem’ da consoante como uma ‘lacuna’ de produção no espectrograma corrobora a ideia aristotélica do não-som, que considera as consoantes como elementos ‘mudos’ do ato de enunciação, em oposição às vogais (Arte Poética, 2003). A parte selecionada em rosa corresponde ao espaço de uma sílaba. Como podemos observar, vemos o seu início com muito pouca concentração de energia, parte essa que corresponde à consoante, e sua imagem vai escurecendo gradativamente até formar uma área mais concentrada de energia, relativa ao espaço da vogal.

1.1. *CORPUS*

A construção das sentenças a serem elicitadas teve como centro uma palavra-alvo. Essa palavra deveria variar de posição sintática e em número de sílabas. A percepção do acento culminativo foi

¹ PRAAT é um *software* de código aberto desenvolvido por Boersma & Weemink da Universidade de Amsterdam.

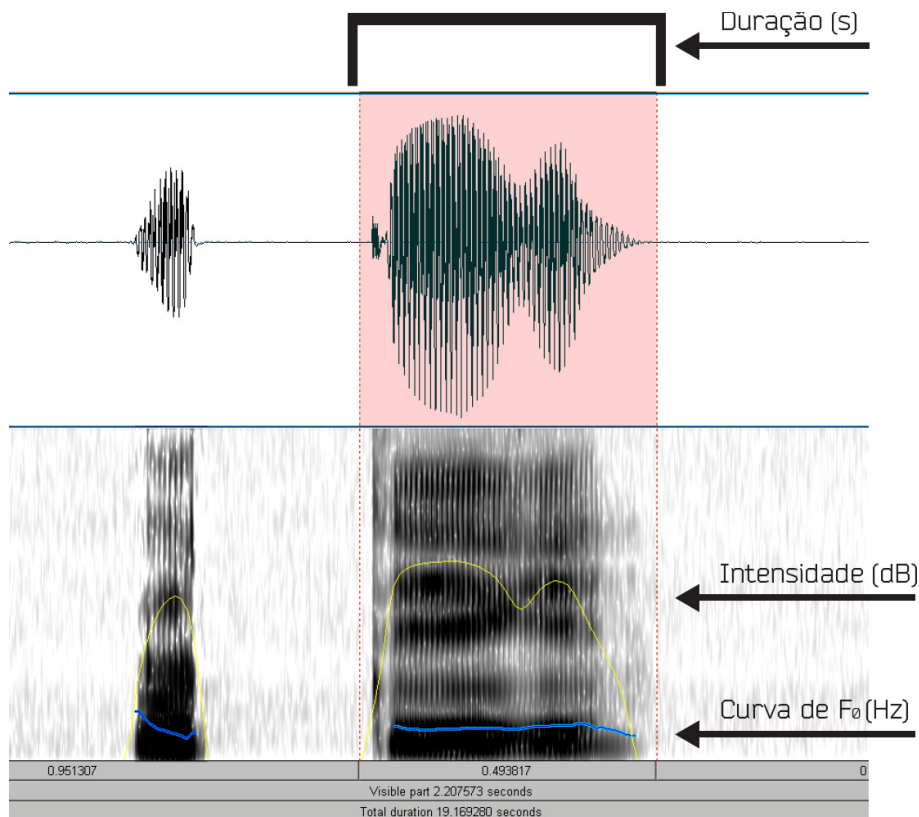


Figura 1: “Template” de espectrograma no PRAAT

considerado no domínio de uma concatenação (*merge*)² entre argumento e núcleo.

Para cada variante, utilizamos uma palavra monossilábica, uma bissilábica, uma trissilábica e uma polissilábica. Todas ocorreram nas seguintes posições: **(A)** objeto de verbo transitivo com sujeito pronominal, **(B)** objeto de verbo transitivo com sujeito nominal pleno, **(C)** sujeito de verbo intransitivo, **(D)** sujeito de verbo transitivo com objeto nominal pleno. Eis as estruturas das construções elicitadas seguidas por um exemplo. A palavra alvo é, aqui, *ii* – ‘machado’.

² Chomsky (1995: 226) define *merge* “as the simplest operation which takes a pair of syntactic objects (SO_i , SO_j) and replaces them by a new combined syntactic object (SO_{ij})”.

- A. Objeto [nome pleno] Verbo Transitivo Sujeito [pronominal]:

'ele viu (o) machado'

<i>ü</i> machado	<i>ingi-lü</i> ver-PNCT	<i>i-beke</i> 3-ERG
---------------------	----------------------------	------------------------

- B. Sujeito [nome pleno] Objeto [nome pleno] Verbo Transitivo:

'(a) criança viu (o) machado'

<i>kangamuke</i> criança	<i>beke</i> ERG	<i>ü</i> machado	<i>ingi-lü</i> ver-PNCT
-----------------------------	--------------------	---------------------	----------------------------

- C. Sujeito [nome pleno] Verbo Intransitivo:

'(o) machado caiu'

<i>ü</i> machado	<i>bugi-lü</i> cair-PNCT
---------------------	-----------------------------

- D. Objeto [nome pleno] Verbo Transitivo Sujeito [pronominal]

'(o) machado machucou (a) criança'

<i>kanagamuke</i> criança	<i>ike-nügü</i> cortar-PNCT	<i>ü beke</i> machado-ERG
------------------------------	--------------------------------	------------------------------

Ao todo, foram elicitadas 16 sentenças em Kuikuro e 16 sentenças em Kalapalo. Todas as sentenças foram elicitadas três vezes e apenas a segunda repetição foi considerada. Para cada variante, contamos com um consultor de idade entre 25 e 30 anos, letrado e de sexo masculino. O *corpus* foi gravado utilizando o programa *Sound Forge* a uma frequência de 44KHz e com resolução de 16 bits. O microfone escolhido foi do tipo *head set*, acoplado à cabeça do consultor com uma distância de 5 centímetros de sua boca.

1.2. ANÁLISE DO CORPUS

Para a análise do *corpus*, procedemos à segmentação das sentenças em sílabas. Para cada sílaba, identificamos e consideramos apenas o espaço da vogal, medimos sua duração, marcamos o pico de intensidade e neste medimos F_0 . Vejamos uma sentença como:

E. *'(o) menino viu (o) jacaré'*

<i>kangamuke</i>	<i>beke</i>	<i>tabinga</i>	<i>ingi-lü</i>
criança	ERG	jacaré	ver-PNCT

A sentença é apresentada abaixo em tabelas construídas com os valores encontrados nas realizações kuikuro e kalapalo, respectivamente; as sílabas com espaços em branco mostraram valores irrelevantes.

KUIKURO

	ka	ŋa	mu	kɛ	hɛ	ke	'ta	hi	ŋa	'ni	li
F_0 NO PI. ³ (HZ)		105.66	103.06	118.72		102.64	108.1	96.24	113.84	96.15	97.06
DURAÇÃO (SEG.)		0.097	0.115	0.113		0.050	0.081	0.085	0.112	0.081	0.065
INTENSIDADE NO PI.(DB)		71.62	70.16	72.83		72.62	75	66.15	73.84	69.65	64.94

³ Pico de intensidade.

KALAPALO

	ka	ŋa	mu	kɛ	hɛ	ke	'ta	hi	ŋa	'ni	li
F ₀ NO PI. (HZ)		120.08	116.83	104.05		97.103	114.1	105.14	101.03	94.83	0
DURAÇÃO (SEG.)		0.110	0.038	0.129		0.050	0.099	0.060	0.106	0.069	0.055
INTENSIDADE NO PI.(DB)		75.53	74.08	72.88		69.54	75.38	70.75	72.02	71.45	67.8

Os valores de F₀, duração e intensidade nunca serão iguais, nem entre falantes da mesma variante, mas podemos perceber, de modo ainda impressionista, que os valores para os correlatos acústicos em Kuikuro e Kalapalo são bastante diferentes. Será esta a questão que vamos analisar nas próximas seções.

2. ANÁLISE E RESULTADOS

2.1. KUIKURO

Em Kuikuro, o correlato acústico diretamente relacionado ao acento é F₀. Os outros parâmetros, duração (em segundos) e altura (em decibéis), não apresentaram quaisquer regularidades relevantes em suas distribuições. A sílaba percebida como proeminente é sempre a última do argumento interno, que precede imediatamente o verbo. A associação entre a sílaba percebida como proeminente e o pico de F₀ pode ocorrer de duas maneiras distintas. A seguir temos os dois padrões percebidos e suas respectivas generalizações.

2.1.1 PADRÃO 1

Observemos o comportamento de dois fatores nas sentenças (F), (G) e (H): posição acentual (marcada por ') e proeminência de F₀.

F. *'ele viu o jacaré'*

<i>tabinga</i>	<i>ingi-lü</i>	<i>i-beke</i>
jacaré	ver-PNCT	3-ERG

	CONCATENAÇÃO 1					CONCATENAÇÃO 2		
	[ARGUMENTO		NÚCLEO			[ARGUMENTO	NÚCLEO	
	[JACARÉ		[VER			[3	[ERG	
	ta	hi	'ŋa	ŋi	li	i	hɛ	kɛ
F ₀ NO P.I. (HZ)	104.33	110.95	117.43	124.23	106.49	-	113.4	
DURAÇÃO (SEG.)	0.077	0.073	0.119	0.117	0.057		0.129	0.021
INTENSIDADE NO P.I.(DB)	74.19	68.02	73.35	69.43	71.49		74.34	54.19

G. *'(o) peixe caiu'*

<i>kanga</i>	<i>alamaki-lü</i>
peixe	cair-PNCT

	CONCATENAÇÃO						
	[ARGUMENTO		NÚCLEO				
	[PEIXE		[CAIR				
	ka	'ŋa:	a	la	ma	ki	li
F ₀ NO P.I. (HZ)	117.1	125.3	-	134.7	102.8	sussurro	
DURAÇÃO (SEG.)	0.069	0.133	-	0.052	0.090		
INTENSIDADE NO P.I.(DB)	73.25	74.95	-	75.52	75.52		

H.

‘(o) *jacaré caiu*’

<i>tabinga</i>	<i>alamaki-lii</i>
jacaré	cair-PNCT’

	CONCATENAÇÃO								
	[ARGUMENTO			NÚCLEO]
	[JACARÉ			[CAIR]
	ta	hi	'ŋa:	a	la	ma	ki	li	
F ₀ NO PL. (HZ)	125.14	112.31	122.21		125.96	107.67	101.77	103.68	
DURAÇÃO (SEG.)	0.085	0.101	0.080		0.038	0.092	0.043	0.074	
INTENSIDADE NO PL.(DB)	77.34	71.96	74.67		73.36	75.46	62.3	59.12	

Em todos os exemplos, a sílaba percebida como tendo o acento principal é a última do argumento e é seguida pelo pico de proeminência de F₀. As sílabas para as quais não há marcação de quaisquer parâmetros tiveram sinal acústico imperceptível. Esse padrão nos leva a propor a regra seguinte para o Kuikuro:

REGRA I EM KUIKURO: [‘σ # σ]

‘σ significa sílaba percebida como proeminente; σ, sílaba com pico de F₀

2.1.2. PADRÃO 2

Observe-se, abaixo, outro padrão encontrado em Kuikuro.

I. *'a criança viu o machado'*

<i>kangamuke</i>	<i>beke</i>	<i>ii</i>	<i>ingi-lii</i>
criança	ERG	machado	ver-PNCT

	CONCATENAÇÃO 1					CONCATENAÇÃO 2		
	[ARGUMENTO		NÚCLEO]			[ARGUMENTO	NÚCLEO]	
	[MENINO		[ERG			[MACHADO]	[VER	
	ŋa	mu	'kɛ	hɛ	kɛ	'ij	ɲi	li
F ₀ NO PL. (HZ)	108.9	106.99	130.71		110.68	131.76	103.1	96.20
DURAÇÃO (SEG.)	0.115	0.187	0.168		0.158	0.142	0.109	0.081
INTENSIDADE NO PL. (DB)	71.95	69.25	74.18		73.11	77.16	71.11	66.91

No exemplo (i), a sílaba percebida como proeminente é a mesma em que há o pico de proeminência de F₀. Portanto, em algumas construções em Kuikuro, observa-se o encontro desses dois parâmetros. Dessa maneira, temos:

REGRA II EM KUIKURO: [σ # σ].

2.2. KALAPALO

Para o Kalapalo, em uma relação de *concatenação* argumento e núcleo, temos uma curva de F₀ que se inicia alta e decresce de maneira constante até o final da concatenação, independentemente do número de sílabas da palavra fonológica resultante. A associação entre a sílaba percebida como proeminente e os parâmetros acústicos que determinam essa proeminência pode ocorrer de duas maneiras. Na primeira, apenas F₀ é relevante; na segunda, outro parâmetro acústico, a duração (em segundos), interfere na percepção do acento. Vamos aos dois padrões.

2.2.1. PADRÃO 1

 J. *‘o menino viu o jacaré’*

<i>kangamuke</i>	<i>beke</i>	<i>tabinga</i>	<i>ingi-lü</i>
criança	ERG	jacaré	ver-PNCT

	CONCATENAÇÃO 1						CONCATENAÇÃO 2				
	[ARGUMENTO			NÚCLEO]			[ARGUMENTO		NÚCLEO]		
	[MENINO			[ERG]			[JACARÉ		[VER]		
	ka	ŋa	mu	kɛ	hɛ	ke	'ta	hi	ŋa	'ni	li
F ₀ NO PI. (HZ)		120.08	116.83	104.05		97.103	114.1	105.14	101.03	94.83	0
DURAÇÃO (SEG.)		0.110	0.038	0.129		0.050	0.099	0.060	0.106	0.069	0.055
INTENSIDADE NO PI.(DB)		75.53	74.08	72.88		69.54	75.38	70.75	72.02	71.45	67.8

No exemplo acima, a sílaba percebida como proeminente é a mesma em que se encontra o pico de F₀. Em uma concatenação argumento e núcleo ([jacaré#ver]), quando a sílaba percebida como proeminente é a sílaba inicial dessa *concatenação*, F₀ basta para determinar a sua percepção.

2.2.2. PADRÃO 2

 K. *‘o peixe caiu’*

<i>kanga</i>	<i>alamaki-lü</i>
peixe	cair-PNCT

	CONCATENAÇÃO							
	[ARGUMENTO		NÚCLEO]
	[PEIXE		[CAIR]
	ka	'ŋa:	a	la	ma	ki	li	
F ₀ NO P.I. (HZ)	119.7	112.6		101	82.27	0	sussurro	
DURAÇÃO (SEG.)	0.076	0.110		0.056	0.093	0.039		
INTENSIDADE NO P.I.(DB)	72.4	72.96		71.46	68.79	65.5		

No exemplo em (κ) temos um padrão diferente do encontrado anteriormente para o Kalapalo. Nesse exemplo, a sílaba percebida como proeminente não é a primeira da *concatenação*. Observando, no entanto, o parâmetro da duração, podemos perceber que o tempo em segundos da sílaba percebida como proeminente (0,110) é muito maior do que o tempo das sílabas vizinhas (respectivamente, 0,076 e 0,056). De fato, a maior duração da vogal pode ser devida a uma geminção resultante do encontro da vogal inicial do verbo (*alamakilii* ‘cair’) com a mesma vogal final da palavra que o antecede (*kanga* ‘peixe’). Abaixo, no entanto, temos um exemplo que desfaz essa dúvida:

L.

‘(o) peixe comeu (o) fruto’

<i>kanga</i>	<i>heke</i>	<i>ihisü enge-pügü</i>
peixe	ERG	fruto comer-PERF

	CONCATENAÇÃO 1				CONCATENAÇÃO 2						
	[ARGUMENTO		NÚCLEO		[ARGUMENTO			NÚCLEO]
	[PEIXE		[ERG		[FRUTO			[COMER]
	ka	'ŋa	he	ke	'i	hi	si	ɲɛ	pi	gi	
F ₀ NO P.I. (HZ)	115.6	119.5	112.3	95.33	119.4	118.4	104.4	96.76	0	-	
DURAÇÃO (SEG.)	0.083	0.123	0.094	0.084	0.075	0.119	0.121	0.092	0.097	-	
INTENSIDADE NO P.I.(DB)	74.28	73.95	72.11	70.92	71.86	73.45	73.79	68.68	65.6	-	

Em (1), a sílaba percebida como proeminente não é a primeira da *concatenação 1*. A sílaba mais proeminente mostra o maior F_0 , mas este não é o único parâmetro acústico em jogo: a duração dessa sílaba (0.123) também se mostra muito superior ao valor das respectivas durações de suas vizinhas (0.083 e 0.094). Isso nos mostra que, nesse segundo padrão, quando a sílaba inicial não é percebida como a mais proeminente, com correlato acústico em F_0 , a sílaba não inicial em que for percebida a proeminência terá a duração como correlato decisivo. Dessa maneira, podemos dizer que a duração está em uma espécie de ‘distribuição complementar’ em relação a F_0 , em uma regra que se lê: perceba F_0 como proeminente em início de *concatenação*; perceba duração como proeminente nas demais posições.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados apresentados, podemos dizer que há uma distinção em dois níveis operando no contraste entre as variantes Kuikuro e Kalapalo. Uma distinção é de caráter acústico: o Kuikuro utiliza apenas F_0 para a percepção; já o Kalapalo mostra uma distribuição complementar entre F_0 e duração. A outra diferença é de caráter perceptual: o Kuikuro mapeia a sílaba percebida como proeminente **dentro** da relação [argumento#núcleo]; o Kalapalo, por sua vez, o faz **entre** as relações [argumento#núcleo]. Em Kuikuro, portanto, para a percepção, o que interessa é a fronteira entre argumento e núcleo; em Kalapalo, o interesse recai sobre a fronteira entre as concatenações [argumento#núcleo]. Abaixo temos um resumo dos padrões encontrados:

	KUIKURO	KALAPALO
PADRÃO 1	...[... 'σ # <u>σ</u> ...] [... 'σ # <u>σ</u> ...]...	...[<u>'σ</u> ...# σ...] [<u>'σ</u> ...# σ...]...
PADRÃO 2	...[... ' <u>σ</u> # σ...] [... ' <u>σ</u> # σ...]...	...[... ' <u>σ</u> ...# σ...] [... ' <u>σ</u> ...# σ...]...

Como já dissemos, essas diferenças são pensadas pelos falantes (pelo menos pelos Kuikuro) em termos de: ‘nós’ de fala ‘reta’,

versus ‘outros’ de fala ‘não-reta’. Nos fatos aqui examinados, tais diferenças metalinguisticamente marcadas encontram um fundamento empírico; é interessante observar que não é por acaso se a percepção de perfis prosódicos é traduzida por metáforas que falam de movimento, ressaltando temporalidade e percursos (sejam eles retos ou curvos). Talvez haja, aqui, no âmbito dos Karib alto-xinguanos (e quem sabe da sociedade alto-xinguanas como um todo) uma meta-linguagem comum à fala, ao canto, à dança e ao desenho ou grafismo. Não obstante, ao dizer que falar em ‘linha reta’ é bom, enquanto falar ‘em curvas’ não o é, se acrescenta uma noção de ‘retidão’ que carrega um modo valorativo positivo, em detrimento do ‘desviante’. Nada de surpreendente: é fato que falantes nativos de qualquer língua observam a fala de outra variante sempre como ‘cantada’ ou ‘com sotaque’ em comparação à fala ‘sem sotaque’ de quem julga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. 2003. *Arte Poética*. Martin Claret, Rio de Janeiro.

CHOMSKY, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. MIT Press.

FRANCHETTO, Bruna. 1986. *Falar Kuikúro. Estudo etnolinguístico de um grupo karibe do Alto Xingu*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. 49º Congresso Internacional de Americanistas, PUCE, Quito (Ecuador), 7-11 de julho de 1997. Apresentação do trabalho “*Prosody and Dialect Distinctions in the Upper Xingu Carib Language*” (Simpósio “Lenguas Indígenas de las Tierras Bajas de América del Sur”).

_____. 2001. Línguas e História no Alto Xingu. In: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael J. (orgs.), *Os Povos do Alto Xingu – História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ (111-156).

FRANCHETTO, B.; MEIRA, S. 2005. The Southern Cariban Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 71, n. 2, p. 127-190.

FAUSTO, Carlos, FRANCHETTO, Bruna & HECKENBERGER, Michael J. 2008. Language, ritual and historical reconstruction: towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society. In: HARRISON David K., ROOD David S. and DWYER, Aryenne (eds), *Lessons from Documented Endangered Languages*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company (Typological Studies in Language 78). P. 129-158.

KAGER, René. 1995a. *The Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. The University of Chicago Press.

_____. 1995b. The Metrical Theory of Word Stress. In: GOLDSMITH, John. (org.) *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell Publishers, Cambridge. P. 367-402.

LIBMAN, Tatiana (2005). *Acoustic Correlates of Stress in Shilluk (Nilo-Saharan)*. MA dissertation. Advisor: Bert Remijsen. The University of Edinburgh.

RESUMO

A língua Karib alto-xinguana compreende as variantes Kalapalo/Nahukwa e Kuikuro/Matipu. Essas duas variantes são emblemas de identidades sócio-políticas e distinguem-se por diferenças lexicais e, sobretudo, rítmicas, nosso objeto de estudo. Os falantes descrevem as características que distinguem as variantes através de expressões metafóricas centradas no ritmo. Os objetivos deste artigo são (i); estabelecer os correlatos acústicos da posição do acento nas duas variantes; (ii) descrever seus padrões acentuais para contrastá-los; (iii) oferecer uma explicação para essas metáforas. A distinção opera em dois níveis: correlato acústico e posição perceptual. Para o correlato acústico, o Kuikuro utiliza apenas F_0 ; já o Kalapalo mostra uma distribuição complementar entre F_0 e duração. Para a percepção, o Kuikuro mapeia a sílaba percebida como proeminente dentro da concatenação [argumento#núcleo]; já o Kalapalo o faz entre as concatenações [argumento#núcleo].

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Karib Alto-Xinguano; Prosódia; Fonética Acústica.

ABSTRACT

The Upper-Xingu Karib Language comprehends Kalapalo/Nahukwa and Kuikuro/Matipu. These two variants are emblems of socio-political identities; they are distinguished by lexical differences and, mainly, by rhythmic differences, this being the object of our study. Native speakers describe this distinction in terms of metaphors based on rhythm. The aims of this article are: (i) to establish the acoustic correlates of stress position in both variants; (ii) to describe their stress patterns and contrast them; (iii) to offer an explanation to the native metaphors. The distinction operates in two degrees: acoustic correlates and perceptual positions. For the acoustic correlates, Kuikuro utilizes only F_0 ; Kalapalo shows a complementary distribution between F_0 and duration. For the perception, Kuikuro maps the syllable perceived as the prominent one into the merge [argument#head]; Kalapalo, on the other hand, the prominent syllable is mapped into the merge [argument#head].

Key-words: Indigenous Languages; Upper-Xingu Karib; Prosody; Acoustic Phonetics.

